

Dossiê: “Velhice e Experimentações Teóricas e Metodológicas na antropologia”

Resenha ensaística do Banquete de Platão: dimensões e esferas psíquicas, éticas, estéticas, políticas e comportamentais – reflexões para compreender a geopolítica

Essayistic Review of Plato’s Symposium: Psychic, Ethical, Aesthetic, Political, and Behavioral Spheres – Reflections for Understanding Geopolitics

Resenha do livro: PLATÃO. *O Banquete*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Marcelo Barboza Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ)

mbduarte@id.uff.br– <https://orcid.org/0000-0002-5948-5714>

Resumo

Esta resenha ensaística analisa *O Banquete*, de Platão,¹ explorando suas dimensões psíquicas, éticas, estéticas, políticas e comportamentais. A partir dos discursos dos convivas, da exposição de Sócrates por meio de Diotima e do contraste com Alcibíades, examinamos as múltiplas manifestações de *Eros* como falta, desejo, impulso criador e força estruturante das relações humanas. O texto propõe uma leitura ampliada e interpretativa,

¹ - **Livro:** *Banquete* **Autor:** Platão (Fizemos uso de mais de uma tradução para cruzamento de termos antigos e modernos, para assim chegarmos aos mais adequados).

articulando elementos filosóficos, míticos, antropológicos e psicológicos, e sugerindo possíveis diálogos com campos como comportamento, poder e geopolítica.

Palavras-chave: Eros; Filosofia Antiga; Platão; Amor Platônico; Sócrates; Alcibiades; Política; Poder.

Abstract

This essayistic review examines Plato's *Symposium*, exploring its psychic, ethical, aesthetic, political, and behavioral dimensions. Through the speeches of the guests, Socrates' exposition via Diotima, and the contrast with Alcibiades, we analyze the multiple manifestations of *Eros* as lack, desire, creative impulse, and a structuring force of human relations. The text offers an expanded and interpretative reading, articulating philosophical, mythical, anthropological, and psychological elements, and suggesting possible dialogues with fields such as behavior, power, and geopolitics.

Keywords: Eros; Ancient Philosophy; Plato; Platonic Love; Socrates; Alcibiades; Politics; Power.

Contextualizando

Eros também é ou pode ser sobre política, relações sociais, políticas e geopolíticas. A obra *O Banquete* ou *Simpósio* é, sem dúvidas, um dos trabalhos de destaque de Platão. Escrita por volta de 380 a.C., ainda traz muitas reflexões importantes para diversos aspectos da vida humana, tanto pessoal e individual quanto coletiva em sociedade.

Há algo importante que muitos deixam passar nessa obra. Várias resenhas e artigos, infelizmente, acabam repetindo muito das mesmas coisas e, assim, deixam de explorar elementos tão relevantes quanto os já conhecidos. Ou seja, abre-se mão de mergulhos mais profundos na obra, bem como de suas relações com a realidade contextual e contemporânea. Sendo assim, vamos focar no amor como ausência e desejo do belo, como busca de preenchimento e eternidade, enquanto coparticipação do belo e do eterno — que é a própria busca de ou do *Eros*, o amor, desde suas origens. Que começa no nascimento ou origem de *Eros*. Mas vamos por partes, seguindo os desdobramentos na obra até o referido momento.

Platão escreve sobre um jantar na casa do poeta Ágaton. Entre os convidados estão Erixímaco, Fedro, Aristófanes, Pausânias e Sócrates. Esses presentes acordam em realizar, cada um individualmente, um discurso em homenagem a *Eros*, o deus — ou *daimón*² — do amor. É importante deixar claro que não se trata do amor como o conhecemos e como foi implantado pelas sociedades modernas ou contemporâneas. Cada convidado fará seu tributo a *Eros*, apresentando suas particularidades, origens, ações e benefícios do deus ou *daimón*.

Para o médico Erixímaco, *Eros* está alinhado à harmonia do e entre corpo, mente, alma e natureza, sendo um tipo de princípio cósmico que regula esse alinhamento para o bem individual, pessoal, social e coletivo. Ou seja, trata-se de um processo holístico entre o ser humano, a sociedade, a natureza e o cosmo. Fedro discursará que *Eros* é uma força que inspira e motiva coragem, determinação e sacrifício em direção a uma busca, finalidade ou objetivo — como virtudes e honras.

Para Aristófanes, *Eros* está ligado ao mito dos andróginos: humanos com um corpo dotado de múltiplos braços, pernas e órgãos sexuais masculino e feminino. Esses seres se rebelaram contra os deuses e foram divididos em duas partes; é aí que surge *Eros*, o desejo e a busca de complementação de si no outro e com o outro — a outra metade perdida durante a existência. *Eros* é a força que motiva a busca da completude e do preenchimento.

² Daimón no contexto grego antigo, isso desde o século I a bem antes, ou seja, há mais de 600 a 800 anos antes da era cristã (talvez muito bem antes disso), e se buscarmos interpretações e traduções desde as obras de Homero, Hesíodo e até mesmo do historiador Heródoto, ou seja, sobre o Daimón, em outras versões Daímon, era uma espécie de entidade, força e/ou capacidade extra-humana. Quase correspondente a um espírito intermediário entre humanos e deuses. Mas não espírito conforme a crença e literatura cristã desenhou por séculos, já há dois milênios. Sendo assim, Daimón ou Daímon ou ainda Daimon, variações linguísticas e de escritas com pontuações, caso se referir especificamente a este “ser” ou espírito, talvez entidade, significam o mesmo, e que também fora traduzida como gênio, e que significava naqueles contextos, a mesma coisa, ser e entidade que inspirava e capacitava humanos. Inclusive influenciava em emoções, comportamentos e habilidades. Dessa forma, para os gregos da antiguidade com suas culturas e nomenclaturas, daimón não era um demônio, conforme passou geralmente a ser interpretado pela cultura cristã e suas interpretações na virada do século I d.C. Podemos averiguar o seguinte: demônio (lat. daemon, do gr. daimon: gênio bom ou mau) 1. Na filosofia grega, gênio (espírito) bom ou mau, inferior a um deus, mas superior ao homem: o demônio de Sócrates era um gênio que lhe inspirava e dava conselhos. 2. Na religião cristã, o demônio é um anjo mau (diferente dos anjos), também chamado *diabo, Satã ou Satanás, princípio ativo de todo mal (Japiassú & Marcondes, 2006, pp. 54). É importante ressaltar que há outros dicionários que buscam a etimologia do termo, mas, infelizmente, com uma perspectiva e interpretação etnocêntrica, o que contamina o termo e se cai em anacronismos se não houver rigor e cuidado. Vale desde já dizer, que muitos elementos culturais, tais como crenças, termos etc., como exemplo, espíritos, daimón e dentre outros, no qual tanto gregos quanto cristãos utilizaram e utilizam, têm suas raízes etimológicas entre antropofagismos culturais com povos da Pérsia, atual Irã, Egito, Mesopotâmia e dentre outros. Uma vez que, na época, contextos eram comuns, absorver elementos e crenças de culturas mais próximas ou influentes. Uma obra bastante provocativa e esclarecedora para o leitor sobre tais terminologias e confusões é *História do Inferno* (Minois, 2023).

Pausânias distingue o amor em dois tipos: o vulgar e o celestial. O primeiro está ligado ao corpo, à carne e às paixões; o segundo, ao âmbito espiritual, interligado à alma humana. Já Ágaton concebe o amor como jovialidade, como um mergulho no belo, vigoroso e jovem, com suas características e qualidades estéticas ligadas a essa fase da vida ou do ser. Antes de adentrarmos no último convidado que chegará à reunião, observemos como Sócrates fará sua homenagem e discurso a *Eros*.

Sócrates e sua exposição sobre *Eros*

É importante destacar que todos os oradores antes de Sócrates, neste banquete, não fizeram apenas uma homenagem, mas se esforçaram para descrever as origens, características, personalidade, aparências, atitudes, relações, comportamentos e objetivos de *Eros*. Sócrates levará tudo isso a dimensões mais profundas — filosóficas, epistemológicas, psíquicas e relacionais. Portanto, deixemos a entrada de Alcibiades para depois do discurso de Sócrates sobre *Eros*, tanto em exaltação quanto em descrição.

Sócrates fará sua exposição sobre o ser, a essência e a performance do amor por meio do suposto encontro que tivera com a sacerdotisa Diotima. Ela descreve o amor como uma entidade ou *daimón* em processo evolutivo, cujas buscas suprem essa constante evolução e desenvolvimento de si e de seus agraciados.

Segundo Diotima, narrando a Sócrates, o amor é um processo de ascensão quando consciente de sua relação e influência rumo ao eterno. Trata-se da imortalidade da alma e da psique humana através de *Eros*, que parte do amor físico-corporal ao amor anímico, até o amor ao belo, à justiça, ao bem e à essência das coisas e realidades. Diotima nos ensina que *Eros* não é plenitude, mas ausência e carência.

Diotima, tendo possivelmente recebido esse conhecimento de alguém, explica a Sócrates — que agora explica aos seus interlocutores — que *Eros* nasce da união entre Póros e Penía. Enquanto Póros está sob o signo da abundância, riqueza, provisão e recurso, Penía está sob o signo da pobreza, da falta e da carência. Dessa forma, *Eros* contém uma dupla origem. Aqui podemos inferir uma percepção grega sofisticada do que modernamente chamamos de hereditariedade e, forçando um pouco a analogia sem incorrer em anacronismo, algo próximo ao “DNA das existências”. Ou seja, não se trata apenas de uma ontologia ou mitologia do deus *Eros*, mas de sua origem biopsicossocial, mítica, cultural, histórica, antropológica, filosófica e epistêmica.

Eros além do mito: o paradoxo da atitude filosófica diante da objetificação do mundo

Vejam isso mais de perto. O simples fato de a espécie humana se reproduzir já contém alguns dos elementos apontados acima nas características e ações de *Eros*. A reprodução e a fecundação não são meros sintomas biológicos ou psicológicos, mas também — e sobretudo — uma busca do belo, do perfeito, da completude, da infinitude, do preenchimento do vazio, da jovialidade e do eterno. A geração de filhos é, analogamente, uma espécie de geração de ideias: continuidade e coparticipação no belo, no jovem, na permanência, na perfeição, no infinito, na imortalidade e na transcendência, com e por meio de *Eros*.

Portanto, sexo, fecundação e reprodução não são apenas biológicos: são metáforas da geração do belo. Platão mostra que todo ato de criação — seja gerar filhos, seja gerar ideias — é uma tentativa de participar da eternidade. O amor é coparticipação no belo e no eterno porque nos faz transcender a mortalidade. Em quase todos os aspectos da vida e das relações humanas, *Eros* é um motor que nos leva a criar algo que dure para além de nossa mortalidade, permitindo-nos permanecer contínua ou eternamente em nossas criações. Isso já nos liga ao desejo humano de imortalidade e eternidade. A essência da erótica platônica é que *Eros* é o desejo do que falta, o impulso de eternização e coparticipação no belo e no eterno. O amor é movimento, não posse nem fixidez.

É importante lembrar que a discussão entre Sócrates e Diotima é sobre *eros*-erótica, não no sentido moderno, mas sobre a origem e essência de *Eros*: falta, desejo, busca, realização, felicidade e eternidade no belo — e belo encontrado em cada tentativa de eternizar-se. Mas, simultânea e paradoxalmente, trata-se de uma busca que sempre se reinicia, em saltos e processos não lineares.

Logo, a conversa entre Sócrates e Diotima não é sobre “amor” no sentido romântico moderno, mas sobre erótica: a investigação filosófica da origem e essência de *Eros*. Sendo assim, *Eros* é uma entidade que se manifesta como falta, mas não como vazio absoluto. Ele não é um deus pleno, mas um *daimón* intermediário entre o vazio e o cheio, que nunca está completamente completo, pois é movimento contínuo ao longo da vida e das relações humanas. Podemos observar isso desde o desejo de experimentar uma fruta exótica até o desejo de posse de bens, objetos, pessoas e coisas — e a conseqüente objetificação do mundo, gerando novos desejos e buscas.

No campo da atitude filosófica, hoje podemos ter algumas certezas e crenças; na inquietude de *Eros*, buscamos avançar nelas e com elas, descobrimos outras,

aprofundamo-las e nos movemos para novas inquietações e ideias. Não se trata de aporia, mas de uma dialética constante e contínua: não estática, mas permanente; não fluida no sentido de falta de sustentação, mas fluida no sentido de não ser presa, dogmática ou fixa em um único ponto. *Eros* é movimento entre desejos não completos, não fechados, não absolutos, mas intermediários que se abrem. É um Ser - entidade de impulso para a permanência, jovialidade, perfeição e eternidade. Isso explica muitas práticas de exploração, apropriação, dominação e controle alheio — inclusive práticas violentas e criminosas — que podem trazer esclarecimentos para a criminologia.³

E é exatamente por isso que *Eros* é um ser, entidade, *daimón* ou deus não perfeito, completo ou absoluto, mas um acúmulo complexo de processos de provisão e carência, riqueza e pobreza, alegria e tristeza, beleza e feiura, bondade e maldade, cheio e vazio, satisfação e sofrimento, alívio e dor, vida e morte. Ainda que paradoxal, ele está justamente nesse meio de origem existencial. Não iremos invocar os pré-socráticos para este diálogo, mas deixemos que os leitores busquem suas próprias conexões com eles e suas filosofias.

Diante de tudo isso, podemos observar que o amor não é apenas desejo físico, mas uma força que conduz à busca da verdade e da beleza. Dessa forma, Platão introduz o conceito de amor platônico, entendido como a elevação espiritual e intelectual do ser humano ou da espécie humana. Logo, a obra mistura não apenas filosofia, mito e literatura, mas também genealogia, história, biologia, psicologia e antropologia (entre outras), mostrando diferentes perspectivas sobre o mesmo tema: o que é *Eros*, quem é, como surgiu e como ele se relaciona e influencia a espécie humana.

Enfim, *Eros* é sempre permeado de ausência e preenchimento; logo, o amor é uma constituição sob o signo constante da tensão entre o que se tem, o que falta e a busca. Ele em si não é o belo — talvez não seja o belo em si —, mas o que importa é que ele é uma forma ou tipo de impulso que nos move em direção ao belo, à permanência, à transcendência e ao eterno.

Sendo assim, *Eros* não é totalidade, absolutização, posse, controle ou completude. Mas complementação, coparticipação e coparticipativo; busca pela ausência e pela falta; desejo constante, processual e contínuo em si e em quem se aloja. A satisfação, assim como a segurança, é paradoxal, pois *Eros* é movimento constante de busca e completude

³ Mesmo que este trabalho seja uma resenha ensaística — e não um instrumento técnico da psicologia ou da criminologia — ele pode oferecer hipóteses e contribuir para tais áreas e seus respectivos domínios e subdomínios, direta ou indiretamente. O objetivo não é fazer apologia, justificar ou minimizar práticas criminosas que possam ser analisadas por essa lente, mas compreendê-las e investigá-las de modo mais profundo, identificá-las, rastreá-las e, quando viável, combatê-las, bem como educar a sociedade sobre seus mecanismos e manifestações.

rumo ao belo, ao jovial, ao perfeito e ao eterno por essência. Ao menos é isso que Sócrates nos dá a entender através de Diotima, e Platão em sua obra *O Banquete*.

Portanto, *Eros* transcende do físico ao anímico-alma, do terreno ao mundo das ideias, do agora à ontologia e à metafísica do ser e de sua essência. Ele é o caminho para a efetiva eternidade — seja por fecundação biológica, social, de pensamentos, espiritual ou filosófica —, ou seja, *Eros* é a manifestação da própria atitude e busca de filosofar. Desse modo, *Eros* não é mera completude, harmonia, satisfação e quietude, mas movimento de contrários, conflitos, antagonismos, contradições e inquietações por uma falta que retorna em certos saltos, gerando mais movimentos e processos de busca e complementação das faltas, carências e desarmonias internas ou biopsíquicas e sociais.

Vale agora destacar que essa busca de e por *Eros*, em analogia e associação, também nos mostra que Platão quer falar tanto do filósofo como amante da sabedoria — e sua busca pela ausência que possibilita a visão do belo, do perfeito e do eterno — quanto do próprio modelo de filósofo. Sócrates no centro do diálogo e da homenagem a *Eros* não é um mero acaso, e isso se desdobrará e culminará na chegada histórica de Alcibíades, com seu *Eros* inalcançável por Sócrates.

Alcibíades e Sócrates como exemplos ilustrativos de tipos de *Eros*

Observemos que Alcibíades, chegando embriagado ao final, faz um discurso apaixonado sobre Sócrates, comparando-o a um sátiro e exaltando sua sabedoria e poder de sedução intelectual. Ou seja, em *O Banquete*, Platão não está apenas descrevendo *Eros* como falta e desejo, mas espelhando o próprio filósofo nesse movimento. *Eros* é uma entidade, ser ou *daimón* intermediário e de intermediações: não é um deus pleno nem um mortal, mas um *daimón* que habita o espaço entre carência e plenitude. E aqui se situa o filósofo — especificamente Sócrates — como o “moscão ateniense”, o amante da sabedoria, apaixonado, insatisfeito, inquieto e em constante movimento, sem verdades absolutas, desejante de parir, gerar, conceber, criar, expandir-se, perpetuar-se e encontrar o bem, o belo, a perfeição e o eterno. Ele é busca, não ponto fixo; é ignorância e tensão rumo à complementação de sua desarmonia. Sócrates, no centro do diálogo, encarna esse papel. Ele não “possui” a sabedoria, mas é o eterno buscador, o amante do saber — amante e amado simultânea e paradoxalmente.

E por que paradoxalmente? Porque, por não ser objetificado ou não se deixar objetificar, e por conhecer os meandros e engrenagens dos processos de manipulação nos

domínios e relações das esferas de um *Eros* incontrolado, Sócrates também é odiado. Em certos casos, o acúmulo de *Eros* não correspondido ou recebido com indiferença pode gerar ódio, recalque, obsessão e perseguição ao ser ou objeto desejado e amado.

Ora, a entrada de Alcibiades, embriagado e tomado pela paixão, é mais que um episódio cômico: é o contraste entre o amor carnal e histérico e o amor filosófico. Alcibiades deseja Sócrates como objeto de *Eros*, mas Sócrates permanece inalcançável, porque seu *Eros* não é posse física, mas busca do belo, do perfeito e do eterno. Esse momento crucial da entrada de Alcibiades no cenário do diálogo e do banquete mostra que Sócrates é o próprio paradigma do filósofo: desejado, mas não possuidor; amante da sabedoria, mas nunca saciado.

Dessa forma, Platão, ao articular *Eros* como falta, desejo e busca, constrói uma analogia entre o amor e a filosofia e, simultaneamente, realiza três movimentos internos ao filosofar: o amante busca a harmonia e o belo que lhe faltam; o filósofo busca a sabedoria que não possui; o filosofar é busca de perfeição, beleza, preenchimento, coparticipação e eternidade. Em todos os casos, ambos se movem pela ausência, pela carência, pelo desejo e pela busca que gera impulso criador e certa imortalidade. Sócrates, no centro, é um retrato vivo dessa condição.

Assim, *O Banquete* não é apenas uma obra sobre o amor, mas sobre a natureza da filosofia: uma erótica da sabedoria, em que o filósofo é o eterno amante do saber, sempre em movimento, sempre em busca. O contraste com Alcibiades — sua entrada como contraponto dramático — demonstra não apenas a diferença entre *Eros* físico e *Eros* filosófico, mas, fundamentalmente, o nível, o status, o grau e a esfera de tais desejos. Alcibiades representa o *Eros* inflexível, fixo, obsessivo - compulsivo, de posse, predador, controlador e talvez manipulador — o *Eros* que tanto Sócrates quanto Platão fazem questão de expor, exemplificar e nos alertar: o *Eros* banal, banalizador e objetificador do outro.

Conclusões

Ao longo deste trabalho, percorremos as múltiplas camadas que Platão articula em *O Banquete*, desde a entrada dos convivas e suas exposições iniciais sobre *Eros* até a elaboração filosófica apresentada por Sócrates por meio de Diotima. Examinamos os diferentes tipos e características de *Eros*, suas origens míticas, sua condição intermediária entre plenitude e carência, sua natureza de busca constante e seu papel como força que

impulsiona o ser humano em direção ao belo, ao bem, à perfeição e à eternidade. Observamos também como Sócrates encarna o modelo do filósofo como amante da sabedoria — sempre em movimento, sempre desejante, sempre incompleto — e como sua performance no diálogo revela a dimensão psíquica, ética, estética, política e comportamental que atravessa a compreensão platônica do amor. Nesse sentido, a obra não apenas descreve *Eros*, mas o utiliza como chave interpretativa para compreender a própria atitude filosófica, a dinâmica da criação, a inquietude do pensamento e a busca humana por permanência e transcendência.

Em contraste, a chegada de Alcibíades introduz uma outra face de *Eros*: o *Eros* de posse, controle, domínio, objetificação e manipulação do outro. Seu discurso apaixonado e sua tentativa de capturar Sócrates revelam um tipo de desejo que não se orienta ao belo, ao bem ou à eternidade, mas à apropriação e ao poder — um *Eros* tóxico, parasitário, invasivo e potencialmente destrutivo. Alcibíades representa o *Eros* que transforma o amado em objeto, que busca domesticar e submeter, que opera pela fixidez e pela compulsão, e não pela abertura e pela ascensão. Assim, o contraste entre Sócrates e Alcibíades ilumina duas modalidades fundamentais de *Eros*: o *Eros* filosófico, que constrói, eleva e coparticipa; e o *Eros* predatório, que captura, reduz e destrói. Ao expor essas tensões internas entre formas de amar e formas de desejar, Platão nos oferece não apenas uma reflexão sobre o amor, mas uma análise profunda da condição humana, de suas contradições e de seus impulsos, permitindo-nos compreender como *Eros* atravessa e estrutura nossas relações, nossas buscas e nossas práticas individuais e coletivas. Alcibíades talvez represente a expressão mais crua e desnuda de *Eros*: um desejo que não busca o belo ou o eterno, mas a posse, o domínio e a captura do outro.

Referências

HERÓDOTO. *História*. São Paulo. Ediouro, 2001.

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo. Iluminuras, 2015.

HESÍODO. *Teogonia a Origem dos Deuses*. São Paulo. Iluminuras, 2019.

JAPIASSÚ, Hilton.; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.

MINOIS, Georges. *História do Inferno*. São Paulo. Unesp, 2023.

PLATÃO. *O Banquete*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martins Claret, 2012.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Edipro, 2017.

Recebido em 15 de abril de 2026.

Aceito em 18 de maio de 2026.